

Cultura Viva:

Políticas Públicas no labirinto Brasil

Helena Klang¹

Resumo: Este artigo busca compreender porque o Ministério da Cultura brasileiro determinou o acesso e a valorização da diversidade cultural do Brasil como uma estratégia para o desenvolvimento do país. Investigando o programa Cultura Viva, analisa esta estratégia e sua aplicabilidade sob a perspectiva dos sistemas complexos.

Palavras-chaves: cultura, políticas públicas, antropofagia, hibridismo, emergência.

Introdução

A realização do Seminário Cultura Para Todos, em 2003, consolidou a diversidade cultural brasileira como uma riqueza nacional. Organizado pelo Ministério da cultura, o evento reuniu produtores, artistas, intelectuais, gestores, investidores e outros interessados no debate sobre políticas públicas. Começa o processo de elaboração do Plano Nacional de Cultura, o PNC, um plano de estratégias e diretrizes para a execução de políticas públicas dedicadas à cultura. Em 2005, entre setembro e dezembro, é realizada a 1ª Conferência Nacional de Cultura. Neste período ocorrem mais de 400 ciclos de discussões nas instâncias municipais e estaduais, além de uma plenária nacional. As resoluções elaboradas nos encontros compõem o projeto de lei do PNC que seria aprovado em 2006. Entre os pilares que sustentam o plano está o artigo 215 da constituição brasileira: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.”² As diretrizes gerais do

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PPGCOM-UERJ, com a orientação do Prof. Dr. Erick Felinto Oliveira. E-mail: contato@helenaklang.com

² Artigo da constituição brasileira citado no caderno “Diretrizes Gerais do plano nacional de cultura”.

PNC estão em desenvolvimento em meio a congressos, seminários, audiências públicas e debates via internet com a participação de empresários e a sociedade civil. O posicionamento do governo com relação ao PNC é que este:

(...) fortalecerá a capacidade da nação brasileira de realizar ações de longo prazo que valorizem nossa diversidade. Garantirá ainda, de forma eficaz e duradoura, a responsabilidade do Estado na formulação e implementação de políticas de universalização do acesso à produção e fruição cultural, contribuindo para a superação das desigualdades do país. (Plano Nacional de Cultura, Diretrizes Gerais, 2^a ed, p.7 – grifo nosso)

Portanto, o governo brasileiro determina o acesso e a valorização da nossa diversidade cultural como uma estratégia para o desenvolvimento do Brasil. A partir das teorias da complexidade e dos sistemas emergentes este artigo se propõe a compreender as razões da formulação desta estratégia assim como analisar o programa governamental Cultura Viva – como experiência concreta deste posicionamento.

A Antropofagia Cultural

Por que a diversidade cultural de um país seria uma riqueza nacional? Para tentar elaborar uma resposta a esta pergunta seria preciso, primeiro, entender a formação da cultura brasileira. Desde a chegada dos portugueses, há mais de 500 anos atrás, o Brasil está em processo constante de hibridação. Segundo o argentino Nestor Garcia Canclini (2001 p.XXVII) “a mistura de colonizadores espanhóis e portugueses, depois ingleses e franceses, com indígenas americanos, à qual se acrescentaram escravos trasladados da África, tornou a mestiçagem um processo fundacional do chamado Novo Mundo”. Mestiçagem, sincretismo

ou hibridação são conceitos que Canclini, entende como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (ibid, p. XIX). Ele prefere o conceito da biologia em sua análise da cultura latino-americana por acreditar ser mais “dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos de tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos”(ibid, p.XXIX). Sob a ótica de Canclini, o Brasil se revela um caldeirão onde fervem diferentes culturas e temporalidades, que se encontram e interagem criando novas culturas híbridas.

O autor Massimo Canevacci também analisa os processos as quais se refere Canclini. Ele enxerga o Brasil como um país feito de múltiplas diásporas - “a diáspora é mãe do sincretismo” (CANEVACCI, 1996, p. 8) – e por isso acredita numa outra forma de sincretismo, a cultural, como uma “proposta de uma nova antropologia híbrida, como aplicação de módulos narrativos inovadores, como exploração da co-presença de linguagens plurais (..), como conflito criativo e proposicional no plano de novos cenários transcomunicativos” (ibid, p.8). Para Canevacci, “o sincretismo que atravessou diversas diásporas é um **dom** que o Brasil atual pode oferecer (apesar de suas inúmeras dores) para um mundo que é, ao mesmo tempo, globalizado e localizado. Para o mundo-culturas.” (ibid, p.8, grifo nosso)

O brasileiro enxerga este dom que lhe é atribuído? O texto introdutório do PLN sugere uma peculiar e notável capacidade do povo brasileiro e resgata o conceito de antropofagia para afirmar que “lidar com tal diversidade faz parte de nossa história”:

Não por acaso, o conceito de antropofagia, originário do modernismo brasileiro, aponta para uma **peculiar capacidade** de reelaboração de símbolos e códigos culturais de contextos variados. Diferentemente de outros povos do mundo, temos a nosso favor uma **notável capacidade** de acolhimento e

transformação enriquecedora daquilo que nos é inicialmente alheio. (Plano Nacional de Cultura, Diretrizes Gerais, 2^a ed, p.10 – grifo nosso)

O conceito de antropofagia foi proposto por Oswald de Andrade, em seu Manifesto Antropofágico. O poeta brasileiro foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922. O evento reuniu os principais nomes da literatura e das artes plásticas brasileiras sendo considerada um marco do movimento modernista nacional por ser a primeira manifestação cultural coletiva a favor de um novo modo de ver o Brasil, liberto da condição de colonizado. Os modernistas compartilhavam de “um ideário futurista, que exige a deposição dos temas tradicionalistas em nome da sociedade da eletricidade, da máquina e da velocidade.”³

Em 1924 Andrade publicou o Manifesto Pau-Brasil⁴ no qual determina a valorização dos elementos nativos, o primitivismo, como o novo princípio da poesia brasileira: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (ANDRADE, 1990, p. 42) . Seu ideal era “conciliar a cultura nativa e a cultura intelectual renovada, a *floresta* com a *escola*, num composto híbrido que ratificaria a miscigenação étnica do povo brasileiro e que ajustasse, num balanço espontâneo da própria história, “o melhor da nossa tradição lírica” com “o melhor da nossa demonstração moderna” (NUNES, 1990, p.13). A poesia Pau-Brasil, apresenta uma nova perspectiva, onde o regional continha o universal: ““Ser regional e puro em sua época” – eis a fórmula com que o Manifesto quebra a aura exótica da cultura nativa” (Ibid, p.13).

No Manifesto Antropofágico, publicado em 1928 na Revista Antropofagia⁵ o pensamento selvagem rege a percepção andradiana sobre a civilização brasileira. “Só a

³ SEMANA DE ARTE MODERNA, Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais, atualizado em 08/05/2009.

⁴ O Manifesto Pau-Brasil foi publicado no jornal Correio da Manhã, em 18 de março de 1924.

⁵ A Revista Antropofagia teve 10 números publicados entre 1928 e 1929.

Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente” (ANDRADE, 1990, p. 47) O poeta reconta a formação cultural do Brasil de forma alegórica, a partir da antropofagia (do grego *anthropo*, "homem" e *phagein*, "comer") ou canibalismo. A prática antropofágica que ocorre em algumas das tribos indígenas brasileiras é uma tática de apropriação das qualidades daquele que se come, o inimigo capturado em combate. Com a alegoria antropofágica, Andrade afirma a vocação do Brasil para o canibalismo cultural, uma deglutição crítica do outro.

Quando Canevacci descobre as vanguardas artísticas brasileiras, se surpreende: “já não era uma fome “selvagem” ou “simbólica” de carne humana e sim um apetite direcionado, sensível e delicado, retesado para a escolha de partes corporais saborosas, para digerir o outro de forma criativa e não uma ingurgitação indiferenciada ou indigesta” (1996, p.19). O poeta acreditava que só a antropofagia seria capaz de incorporar seletivamente o que há de admirável no mundo civilizado, num processo que chamou de Revolução Caraíba, um *mash-up* cultural de onde surge o híbrido do selvagem e do homem branco, o “bárbaro tecnizado”, em conflito criativo constante em múltiplas dimensões, como o local e o global, o rural e o urbano, o tradicional e o moderno, a oralidade e a escrita, o popular e o erudito: “*Tupy, or not tupy that is the question*”⁶ (ANDRADE, 1990, p. 47).

O que este processo constante de hibridação na cultura brasileira oferece de positivo ao Brasil? Voltando à biologia, Canclini (2001, p. XXI) argumenta que a “hibridação de café, flores, cereais e outros produtos aumenta a variedade genética das espécies e melhora sua sobrevivência ante mudanças de habitat ou climáticas.” De fato o argentino não é biólogo mas explica porque as ciências sociais importam metaforicamente um termo de outra disciplina: aqui,

⁶ Jogo de palavras que remete a celebre citação de William Shakespeare: *To be or not to be, that is the question*”.

A construção lingüística (Bakhtin; Bhabha) e social (Friedman; Hall; Papastergiadis) do conceito de hibridação serviu para sair dos discursos biológicos e essencialistas da identidade, da autenticidade e da pureza cultural. Contribuem, de outro lado, para identificar e explicar múltiplas alianças fecundas. (...) Os poucos fragmentos escritos de uma história das hibridações puseram em evidência a produtividade e o **poder inovador** de muitas misturas interculturais. (ibid, p.XXI)

Canclini (2001) sugere que os processos de hibridação cultural - quando culturas diversas interagem fazendo emergir culturas híbridas, mutantes - provocam a emergência de práticas inovadoras. Diante de sua complexidade visualizamos um Brasil labiríntico, com inúmeras possibilidades de encontros, combinações, cruzamentos. De “entre-culturas”. Supondo que assim como as variações genéticas, os desdobramentos culturais garantem ao brasileiro uma grande capacidade de adaptação e superação das adversidades de que forma o Ministério da Cultura impulsionaria estes processos?

Cultura Viva

Segundo o *site*⁷ do Ministério da Cultura uma das ações efetivas implantadas com este objetivo é o programa Cultura Viva, que “assume a cultura, a educação e a cidadania, enquanto incentiva, preserva e promove a diversidade cultural brasileira.” Este compromisso se estabelece de forma descentralizada, configurando o Cultura Viva como um sistema que articula pontos locais, os Pontos de Cultura:

⁷ <http://www.cultura.gov.br/culturaviva>

São entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministro da Cultura que desenvolvem ações de impacto sócio-cultural em suas comunidades. Somam, em abril de 2010, quase quatro mil, em 1122 cidades brasileiras, atuando em redes sociais, estéticas e políticas.⁸

De acordo com a página do programa, o Cultura Viva não cria novas ações, e sim reconhece aquelas que já ocorrem, de maneira auto-organizada em comunidades locais. A implantação dos Pontos de Cultura foi realizada por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais em 2004, “com a missão de “desesconder” o Brasil, reconhecer e reverenciar a cultura viva de seu povo”. Com o uso da palavra “desesconder”, o Minc sugere querer dar visibilidade a subculturas ou manifestações locais que estão à margem da cultura massificada, potencializando suas atividades ao fornecer recursos para que se desenvolvam e consigam entrar no “jogo” da sociedade da informação. “O Ponto de Cultura não é um espaço cultural feito pelo governo para as comunidades. Pelo contrário: são ações desenvolvidas pela comunidade que ganham o reconhecimento do Estado e passam a receber aporte de recursos para aplicar conforme o plano de trabalho composto por eles”, explica Célio Turino, secretário de Programas e Projetos Culturais e coordenador do Programa Cultura Viva em *release*⁹ publicado na internet. As ações já existentes compreendem atividades relacionadas à arte, cultura, cidadania e economia solidária, criadas por cidadãos de diferentes regiões brasileiras. A partir do nível mais baixo, emergiu uma forma coerente: o empreendedorismo social no âmbito da cultura, um comportamento comum entre agentes locais de contextos diversos. Quando firmado o convênio com o MinC o Ponto de Cultura recebe a quantia de R\$ 185 mil (cento e oitenta e cinco mil reais), divididos em cinco parcelas semestrais, para investir conforme o projeto apresentado. Parte do incentivo recebido na primeira parcela, no

⁸ http://www.cultura.gov.br/culturaviva/?page_id=8

⁹ http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=104

valor mínimo de R\$ 20 mil (vinte mil reais), é utilizado para aquisição de equipamento multimídia em software livre (os programas serão oferecidos pela coordenação), composto por computador, mini-estúdio para gravar CD, câmera digital, ilha de edição e o que for importante para o Ponto de Cultura.

Na Secretaria de Programas Culturais do MinC, não há uma divisão executiva inteligente que determina e comanda as atividades de cada ponto. O Cultura Viva se apresenta como um sistema *bottom-up* que formulou sua metodologia de baixo para cima. O movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto – quando emerge um padrão a partir de complexas interações paralelas entre agentes locais – é o que Steven Johnson compreende por emergência. Para Johnson (2003, p.15), um sistema emergente é “um sistema com múltiplos agentes interagindo dinamicamente de diversas formas, seguindo regras locais e não percebendo qualquer instrução de nível mais alto”. *Local* é um termo que o autor considera ideal para a compreensão do poder da lógica do enxame. Johnson e o brasileiro Luis Alberto Oliveira (2001) nos convidam a observar sistemas como os das colônias de formigas para visualizar o comportamento emergente. Oliveira nos apresenta a parábola de etologia narrada por Douglas Hofstadter, que trata do encontro de um formigueiro chamado Mary com um tamanduá.

“Bom dia tamanduá, você não gostaria de tomar um café da manhã feito de algumas das minhas formigas mais gordas e suculentas?” O tamanduá, encantado com o convite tão gentil do formigueiro chamado Mary, apressa-se em saborear aquelas formigas deliciosas e, quando enfim está satisfeito e se afasta, o formigueiro chamado Mary se despede dele dizendo: “Obrigado, tamanduá, volte sempre.” (HOFSTADTER apud OLIVEIRA, 2001, p.144)

Ele destaca três aspectos intrigantes nesta parábola: 1) o formigueiro tem nome; 2) o

formigueiro fala; 3) Ele não apenas convida o tamanduá a comer suas formigas como o agradece pelo feito e pede que volte sempre. O formigueiro é um conjunto, um todo, formado por agentes aleatórios, as formigas. Quando isolada, a formiga mais se parece com um bêbado sonso porém, duzentas ou mais formigas “são capazes de resolver um complexo problema de otimização de recursos, o de determinar a menor distância entre dois pontos de maneira a minimizar o dispêndio de energia, levando em conta as circunstâncias (tridimensionais!) do território” (OLIVEIRA, 2001, p.145) Como agentes individuais, as formigas “prestam atenção a seus vizinhos mais próximos em vez de ficarem esperando por ordem superiores. Eles pensam localmente e agem localmente, mas sua ação coletiva produz comportamento global” (JOHNSON, 2003, p. 54).

Se usarmos uma lente macro para observar dentro do formigueiro enxergaremos a sua complexidade de relações. Primeiro, vemos um grupo de três ou quatro formigas realizando uma determinada tarefa formando o que Oliveira chama de “times”. Os times se formam e se diluem rapidamente, com formigas mudando de time o tempo todo. Se fizermos um *zoom out*, expandindo um pouco o olhar, vemos que os times cooperam entre si formando conjuntos de times que persistem por mais tempo. Estes conjuntos coordenados de times são chamados de “equipes”. Se novamente fizermos mais um *zoom out*, visualizamos várias equipes distintas trabalhando simultaneamente em variadas funções. Oliveira propõe uma analogia com a estrutura de uma empresa e chama o conjunto de equipes de “agências”, encarregadas das operações vitais do formigueiro. *Zoom out* outra vez: agora vemos que as agências também formam conjuntos, chamados de “seções”. A estrutura segue se integrando em diferentes níveis até chegar em sua última instância, a que os entomólogos chamam de “símbolos”. Pode-se então definir um sistema complexo como um “conjunto que possui um grande número de componentes (os agentes) interligados por um grande número de conexões e que se distribuem em agregados (os metaagentes) hierarquizados” (OLIVEIRA, 2001, p.149). E porque o formigueiro Mary se deixaria comer pelo tamanduá? Segundo Oliveira,

para Mary é muito mais significativa a dinamização de seu metabolismo ocasionada pelo dialogo com o exterior, no caso, com o tamanduá, do que a perda de algumas células – a formiga (...) o corpo do formigueiro muda: formigas trocam de time, times trocam de equipes, equipes trocam de agências, numa experiência vital muito mais indispensável para Mary que a manutenção de umas tantas formigas. Compreendemos então que o conteúdo da parábola – “a moral da história” – diz respeito às interações internas entre os distintos modos de organização de que o sistema complexo “formigueiro chamado Mary se compõe.” (Ibid, p.147)

Tentaremos agora aplicar o mesmo raciocínio no sistema Cultura Viva. Assim como ocorre entre as formigas, as interações entre os agentes locais, os cidadãos, resultaram num tipo de macrocomportamento observável, o empreendedorismo social. Os times aqui são os Pontos de Cultura. Se ampliarmos um pouco o olhar vemos que alguns pontos se conectam entre si: são as redes de pontos. Como o tempo surgiu uma grande densidade de pontos de cultura e redes de pontos. Com a existência de uma concentração em determinadas regiões, o Ministério da Cultura, assim como governos locais e pontos organizados em grupos, podem propor a constituição de Pontões – já são 81 no Brasil. Assim emerge mais um nível da estrutura. São espaços culturais, aproveitados ou construídos, geridos em consórcio pelos 22 Pontos de Cultura, que recebem recursos de até 500 mil reais/ano para o desenvolvimento de programação integrada, aquisição de equipamentos e adequação de instalações físicas, com a missão de constituir-se em espaços de articulação entre os Pontos. Com a consolidação do programa e o amadurecimento dos Pontos surge em 2006 o primeiro encontro nacional de pontos de cultura, o Teia Brasil – nome que por si só reforça a idéia de rede:

O encontro nacional tem como objetivo reunir representantes e integrantes dos Pontos de Cultura em uma grande comunhão. Entre as premissas do evento estão a ruptura de hierarquias culturais e a construção de novas legitimidades no processo de transformação de um Brasil a desesconder e se revelar.¹⁰

Além do Teia, que ocorre anualmente, há o Fórum Nacional dos Pontos de Cultura, organizado pela primeira vez na Teia 2007. O fórum é a instância política dos Pontos que reúne os representantes dos demais encontros e fóruns municipais, estaduais ou regionais, além das áreas temáticas e redes que compõem o Cultura Viva. O Fórum fortalece o Sistema Nacional de Cultura e fomenta a construção de marcos legais seguindo a lógica de gestão compartilhada entre o governo e os representantes das entidades. Outra instância importante é a Comissão Nacional dos Pontos de Cultura, que articula a participação dos Pontos nos encontros e garante a participação do grupo no Fórum Nacional e outros eventos relevantes.

O Cultura Viva se revela um sistema complexo, “um sistema elaborado para aprender a partir do nível mais baixo, um sistema onde a macrointeligência e adaptabilidade advêm de conhecimento local” (JOHNSON, 2003, p. 56). Tanto a colônia de formigas quanto o programa Cultura Viva são entidades que exprimem os caracteres dinâmicos de uma hierarquia de estruturação. Funcionam como sistemas complexos nos quais, agentes locais interagem sem comandos superiores fazendo emergir padrões observáveis.

¹⁰ <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/?cat=25>

Considerações finais: “A alegria é a prova dos nove”¹¹

Pode-se concluir que o Ministério da Cultura Brasileiro determinou a valorização da diversidade cultural brasileira como estratégia para o desenvolvimento do país por entender que processos de hibridação alimentados pela vocação brasileira pela antropofagia cultural têm o potencial de provocar práticas inovadoras. Os primeiros resultados apareceram em 2004, com observação de um comportamento emergente, um padrão, o empreendedorismo social. A partir da identificação deste macrocomportamento, surgiu o programa Cultura Viva, um sistema complexo que articula pontos de cultura administrados por agentes locais em uma hierarquia de estruturação. Auto-organizado, o programa potencializa os processos de hibridação e apropriação cultural, a partir de manifestações culturais, da troca de experiências, do uso da tecnologia, provocando assim novas práticas culturais. Como afirma Canclini:

“A hibridação, como processo de interseção e transações, é o que torna possível que a multiculturalidade evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade. As políticas de hibridação serviriam para trabalhar democraticamente com as divergências, para que a história não se reduza a guerras entre culturas (...) podemos escolher viver em estado de guerra ou em estado de hibridação” (2001, p.XXVII).

Seguindo a lógica de Canclini, o povo brasileiro parece preferir a segunda opção.

¹¹ (Andrade, 1990, p.51)

Referência Bibliográfica:

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas:** Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

JOHNSON, Steven. **Emergência:** A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

OLIVEIRA, Luis Alberto. (2003) **Biontes, Bióides e Borges.** In: NOVAIS, Adauto (Org.). O homem-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras.

Caderno **Diretrizes Gerais do Plano Nacional de Cultura**, 2ª Ed., texto atualizado com a revisão do Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC) em agosto de 2008. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/pnc>

Cultura Viva. Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/11/documento_culturaviva_1114202168.pdf

CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos:** Uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

ANDRADE, Oswald. **A Utopia Antropofágica.** São Paulo: Globo: Secretaria de Estado de Cultura, 1990.

NUNES, Benedito. **Antropofagia ao alcance de todos.** In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica.* São Paulo: Globo: Secretaria de Estado de Cultura, 1990.